

RESENHAS

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido**: orientações entre o ontem e o amanhã. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

Formação de sentidos através da cultura: história e vida prática

Neles Maia da Silva (nelesmaia@hotmail.com)

Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Em *Cultura faz sentido*: orientações entre o ontem e o amanhã (2014), Jörn Rüsen propõe uma reflexão profunda sobre como as sociedades constroem sentido culturalmente, explorando a relação entre passado, presente e futuro. O autor é um historiador alemão que busca entender como as narrativas culturais moldam a identidade coletiva e a percepção histórica. Lançado aqui no Brasil pela editora Vozes em 2014, o livro traz a estrutura dividida em 4 capítulos e suas subdivisões.

Na primeira: *Apropriações da tradição* traz Rüsen analisando como diferentes períodos históricos reinterpretam tradições passadas, destacando a importância da memória coletiva na formação cultural. Na seguinte: *Impulsos do pensamento teórico*, onde o autor examina como teorias filosóficas influenciam a compreensão cultural e histórica, enfatizando a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva. A terceira subdivisão: *Cultura da ciência* na qual Rüsen discute o papel da ciência na construção cultural, abordando como o conhecimento científico interage com as práticas culturais e sociais. E a última: *Potencialidades na formação de sentido* no qual o autor explora as possibilidades de transformação cultural, sugerindo caminhos para uma compreensão mais inclusiva e dinâmica da cultura.

Importante ressaltar que o livro não foi escrito de forma completa, pois trata-se de uma série de ensaios (inéditos e outros já apresentados em ocasiões e lugares distintos) depois reunidos no livro. Essa característica da obra é interessante, na medida em que, os diálogos traçados sobre os conceitos de cultura, sentido, cultura histórica, consciência histórica, entre outros, dialogam com áreas diversas desde a filosofia até a teologia. Em cada campo de conhecimento Rüsen traça diálogos importantes com diferentes autores, buscando compreender o aspecto da formação de sentido. Aprofundemos mais cada seção do livro do historiador alemão.

No primeiro capítulo da obra: *Apropriações da tradição*, Rüsen aponta para um panorama no qual a globalização e a questão da cultura têm propiciado discussões e

posicionamentos conturbados diante do aspecto da definição cultura, a necessidade de comunicação intercultural e redes de comunicação. O autor aponta para “o potencial de agressão nos encontros, sobreposições e mesclas de tradições, pertencimentos e delimitações culturais” (Rüsen, 2014, p. 17). O autor dialoga com a obra, *Ideia para uma história universal com propósitos cosmopolita* (1784) do filósofo Immanuel Kant e a ideia europeia de história universal com propósito intercultural e com o historiador Vinay Lal e o questionamento da pretensa história universal defendida pelos europeus em seu texto: *Provincialising the West: world history in the perspective of indian history* (2003).

Rüsen parte do princípio que a proposições trazidas por Kant nos permitem revisitar história da cultura para “compreender os limites e possibilidades da interculturalidade diante dos debates sobre alteridade e diferença” (Rüsen, 2014, p. 18). O filósofo iluminista defendia a ideia de uma história universal, partindo de um princípio etnocêntrico com base na superioridade europeia. Em diálogo com a sua obra, Rüsen aponta várias proposições de Kant para solidificar a ideia de que existe uma narrativa mestra universal como base da história de um povo para manter e marcar sua identidade como povo. Ele afirma que manter sua singularidade diante de outras culturas toda identidade cultural tem uma narrativa mestra.

198

Entretanto, essa questão de uma história universal é questionada por autores como o historiador indiano Vinay Lal como aponta Rüsen (2014). Há críticas dos não ocidentais ao padrão de história universal dos ocidentais, uma vez que, os primeiros foram excluídos pelos segundos, além de lhes dar valor negativo ou insignificante diante da dita superioridade europeia. Rüsen afirma que Lal (2003) chega a “defender que as culturas ocidentais devem ser vistas de forma radicalizadas como genocidas culturais das não ocidentais”. (Lal *apud* Rüsen, 2014, p. 20).

A partir daí Rüsen passa a argumentar que não se pode combater uma postura etnocêntrica com mais etnocentrismo. Ele defende que seria aceitável um conceito de história que supere o etnocentrismo e contribua com uma nova cultura do reconhecimento das diferenças. “Somente a cultura do reconhecimento pode evitar o choque de civilizações”. (Rüsen, 2014, p. 21). A ideia da cultura do reconhecimento possui alguns princípios racionais e universais que deveriam ser apreendidos por todos: entre eles o reconhecer alguns princípios universais como a diferença identitária. Como obter uma história universal diante da profusão das diferentes culturas que existem no mundo? Rüsen aponta que a ideia de universal deve-se assentar no princípio da igualdade (típica de uma sociedade cosmopolita e multicultural). Essa igualdade não está relacionada às múltiplas diferenças identitárias de um povo, mas sim em seus direitos.

O segundo capítulo: *Impulsos do pensamento teórico* aborda algumas questões relacionadas à memorização e à memorização cultural. Rüsen aponta a virada histórico-cultural ocorrida na historiografia alemã e suas diversas mudanças de paradigmas em relação a diversos aspectos do entendimento do conceito de história e cultura, bem como das categorias de análise advindas de ambos. Além dessas mudanças, o autor aponta para as mudanças na compreensão da história social em diálogo com Jürgen Kocka (2000) e os conceitos de cultura e sociedade, Lutz Nietammer (2000) e seu projeto sobre as memórias nazistas e a República Alemã e Maurice Halbwachs (1990) com a memória. Dentro dessas viradas historiográficas as questões relacionadas à memória e à história oral são fundamentais para as problemáticas da historiografia que desconsideravam esses aspectos em detrimento da fonte escrita. Rüsen afirma que:

Com a virada para a cultura da memorização, a ciência histórica perde o privilégio da memorização cultural: o pensamento histórico, de evento institucionalizado e cientificado de especialistas, passou a ser uma rede de comunicação social entre indivíduos e grupos concretos que concorrem publicamente por interpretações e capital simbólico (Rüsen, 2014, p. 95).

A expansão dos lugares de memória (Nora, 1993), bem como a apropriação da memória coletiva dos eventos históricos já eram utilizados pelas sociedades humanas antes de ser uma preocupação da teoria da história. Mas as reflexões dos historiadores nessas *viradas* ocasionaram o aprofundamento das discussões levando a constructos conceituais importantes como a consciência histórica e a cultura histórica. Para Rüsen:

Consciência histórica é a forma da consciência temporal humana, na qual a experiência do passado enquanto história é interpretada para o presente. A história enquanto o conteúdo da consciência histórica é uma grandeza orientadora da prática vital humana. Ela funciona como meio cultural, no qual são negociadas socialmente as determinações do rumo a seguir nas mudanças temporais determinações que, em virtude do sofrimento, exigem uma ação e que são impostas ou mantidas em movimento pelo próprio agir. (Rüsen, 2014, p. 97).

Ou seja, a consciência histórica é presente em todo ser humano a qualquer tempo, pois trata-se de uma característica inerente da práxis vital. Ela está amplamente ligada ao tempo do agir e do sofrer na vida prática. As experiências do passado são interpretadas no presente e tem como uma de suas finalidades a orientação para o futuro. Essa consciência histórica se constrói e se transforma mediante o aprendizado, as experiências, os sentidos, as ações, os sofrimentos que são característicos da vida humana.

Teoricamente a história enquanto grandeza da consciência histórica deve ser materializada pelo ato de narrar. A narrativa se estabelece como um princípio fundamental da Teoria da História. Rüsen afirma que: “O passado adquire esse caráter de história para o

presente no rumo do futuro mediante a práxis mental da formação histórica de sentido, mediante o ato de narrar uma história.” (Rüsen, 2014, p. 98). Daí a importância da memorização. Como agir no presente com fins de orientação para o futuro sem o ato de rememorar o passado? Por isso: “A consciência histórica está estreitamente ligada com a memorização a memorização mantém ou torna o passado tão presente que ele adquire serventia para a vida” (Rüsen, 2014, p. 98).

Outro aspecto importante abordado por Rüsen é a questão da cultura histórica. Ele afirma que: “A cultura histórica é a quinta essência das atividades e instituições sociais, pelas quais e nas quais acontecem consciência histórica. Ela cobre um âmbito amplo e heterogêneo da vida cultural, que pode ser diferenciado de outros âmbitos pela categoria do sentido histórico”. (Rüsen, 2014, p. 101). Sendo assim esse conceito se refere aos sentidos que são construídos em uma determinada sociedade com suas instituições e atividades sociais nas quais se materializa a compreensão da história, ou seja, a história é construída e os sentidos atribuídos ao passado histórico se transformam mediante a cultura histórica que se estabelece em um dado tempo e espaço. Os sujeitos envolvidos nesse processo são variados, pois “a cultura histórica é determinada pelos produtores, receptores e mediadores da formação histórica de sentido, pelos modos de sua representação e pelos meios e pelas instituições de sua mediação”. (Rüsen, 2014, p. 101-102).

200

O terceiro capítulo: *Cultura da ciência* traz debates sobre o conceito de cultura e de ciência para apontar as relações entre ambos. Para isso, Rüsen retoma o debate sobre a virada cultural mostrando que o conceito de cultura possui uma concepção generalista e outra específica. Do ponto de vista geral, a cultura é compreendida como aquilo que é próprio do ser humano, distinguindo-se, portanto, da natureza. Cultura seria tudo o que o ser humano faz, toca, produz, constrói, ou seja, algo distinto do natural. Do ponto de vista específico, a cultura é uma dimensão da vida assim como economia, política ou sociedade. Para Rüsen, a cultura é essencial para a práxis vital humana e os “seres humanos têm de interpretar o seu mundo e a si mesmos para poderem viver” (Rüsen, 2014, p. 195). Sendo assim, a cultura é uma parte importante da vida humana de modo a compreender o agir e o sofrer ao longo do tempo. Rüsen afirma que:

A cultura é a resposta que os seres humanos atuantes e sofredores dão a si próprios a lidarem com a natureza, com o seu próprio mundo social e consigo mesmos e com os outros seres humanos, quando perguntam pelo sentido de sua vida e querem organizá-la de modo que faça sentido (Rüsen, 2014, p. 195).

Além da cultura diferenciar-se da natureza, ela também é uma resposta para que o ser humano dê a seu próprio mundo, carregando-o de sentidos atribuídos. Ou seja, todos os aspectos

da vida humana que não estejam no campo na natureza são constructos culturais de sentido e valor atribuídos. A cultura também está relacionada com a própria identidade do indivíduo seja pessoal ou coletiva. Esse conceito de cultura possui três funções diferentes, mas interrelacionadas: função de entender, criticar e utopia. Cada uma das funções relacionadas a uma dimensão do tempo histórico. Entender as diferenças culturais, as histórias, os sentidos de um povo, etnia ou cultura se faz fundamental. Criticar os aspectos que embasam essas culturas, histórias e sentidos de modo a verificar se há aspectos que coadunem com a vivência com o diferente. E a utopia está relacionada com o que se almeja para o futuro.

O quarto capítulo: *Potencialidades na formação de sentido*, propõe entendimentos e posicionamentos importantes do autor sobre as temáticas propostas ao longo da obra. Rüsen começa essa parte do livro trazendo reflexões sobre o tempo. O autor afirma que os seres humanos precisam dar um sentido ao tempo. “Ele não se efetua simplesmente no processo vital.” (Rüsen, 2014, p. 256). O tempo embora seja ligado à natureza, também está dentro com campo da cultura, sendo assim, um constructo humano e, por isso carece de sentido. O historiador alemão afirma ainda que:

Isso é tão elementar quanto a tripartição do tempo em passado, presente e futuro. O sentido é a quarta dimensão do tempo, sem a qual as outras três não podem ser humanamente vividas. Ele não brota de nenhuma das três dimensões, mas representa uma realização espiritual mediante a qual e com o qual o arco da vida do ser humano estendido entre o passado, presente e futuro adquiri, pela primeira vez, a uma forma cultural concreta, a forma da vida real. (Rüsen, 2014, p. 256)

Para o autor os tempos históricos passado, presente e futuro não possuem sentido em si mesmos. Os sentidos são fundamentais para a práxis vital humana e por isso precisam ser atribuídos nessas temporalidades. Por isso Rüsen afirma que o “sentido é a quarta dimensão do tempo” (Rüsen, 2014, p. 256), pois sem a existência de sentido não é possível viver, agir e sofrer. As regras sociais, as leis, a moralidade, a fé, a ética, as instituições, a política e tudo o que há na vida humana são parte da cultura (no sentido amplo do conceito) e, por isso a cultura faz sentido. É através dela e dos sentidos atribuídos que os seres humanos fazem o que fazem e sofrem o que sofrem.

Nesse ponto da obra o historiador alemão trata de exemplos que ele chama de eventos contingentes, eventos que fogem aos habituais e que, muitas vezes, descambam para se tornarem “experiências temporais traumáticas” (Rüsen, 2014, p. 257). Ele aponta o holocausto como exemplo desse tipo de evento e passa a investigar as relações desse tipo de experiência com os sentidos. Rüsen, aponta que:

O sentido como resultado da interpretação sempre é abrangente. Só a parte dele se determina o que é sem sentido e contrassenso.... Mas sempre pode acontecer também que as experiências destruam o sentido. Nesse caso, elas são catastróficas ou traumáticas e tem um efeito posterior significativo sobre o que não foi compreendido. Na cultura ocidental, elas são representadas paradigmaticamente (mas não com exclusividade) pelo holocausto. (Rüsen, 2014, p. 298)

É necessário refletir sobre os sentidos que são atribuídos para as ações e os sofrimentos humanos ao longo do tempo. Os eventos traumáticos são frutos de quais sentidos ou contrassensos? Quais as bases de uma ideologia nazista que adquiriu sentido numa dada época e lugar? O que devemos fazer para não incorrer nos mesmos sentidos produzidos que possam levar a outros eventos catastróficos como esse? Após citar os exemplos da difícil relação entre a sociedade civil e a religião (pois segundo Rüsen é um dos embates mais complicados da sociedade globalizada) Rüsen aponta que é preciso seguir os passos na busca de uma sociedade civil universal de bases racionais e com finalidades de convivências assentadas na igualdade de direitos, apesar da cultura do reconhecimento das diferenças. Para isso, volta-se para a utopia.

Rüsen argumenta que a utopia (inalcançável como o próprio termo sugere) também sofreu uma derrocada no sentido de sonhar com uma sociedade e mundo mais humano e igualitário. O fim das utopias na década de 80 do século XX com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) acarretou a entrega de uma grande quantidade de humanistas no mundo a um niilismo altamente prejudicial para a humanidade. O autor afirma que:

202

Parece que entregamos a vontade de transformação aos fundamentalistas de todos os matizes, que só conseguem validá-lo de modo destrutivo. Estaremos na defensiva diante deles enquanto não tivermos ideias melhores com força motivadora de configuração viva e humana das relações para confrontar com as ideias mortais com que promovem a destruição. (Rüsen, 2014. p. 325)

As mazelas geradas pelas utopias, ou pela derrocada destas, devem servir para buscar redefinir o próprio conceito de utopia. Essa utopia ressignificada deve estar assentada na busca por um mundo onde a história e a cultura sejam pensando em seus vieses de entender, criticar e sonhar com melhorias. Rüsen afirma que:

necessitamos de perspectivas utópicas para o nosso mundo, que vão além de todo o factível e controlado, para dar um sentido sustentável ao nosso agir. Precisamos sonhar (durante a noite) para fazer o nosso trabalho sóbrios e despertos (durante o dia). Essa deveria ser a relação entre utopia e o senso pragmático de realidade. (Rüsen, 2014. p. 325)

É possível compreender que as perspectivas abordadas no livro: *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã* (2014), possibilitam reflexões muito importantes para o campo da Teoria da História, mas ao mesmo tempo para a vida prática. Os diálogos tratados

por Rüsen sobre os conceitos de cultura, memoração, consciência histórica, cultura história e sentido são profícuos para os debates historiográficos e ao mesmo tempo para pensar a sociedade atual e as relações interculturais no mundo globalizado.

Referências

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido**: orientações entre o ontem e o amanhã. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Resenhas

Recebido em: 29 abr. 2025.

Aprovado em: 29 ago. 2025.